
“30 ANOS DO MANUAL CERÂMICA GUARANI”*



FRANCISCO SILVA NOELLI**, ÂNGELO ALVES CORRÊA***, MARIANNE SALLUM****

Este dossiê apresenta artigos de uma linguista, arqueólogas e arqueólogos que homenageiam os 30 anos do livro “Cerâmica Guarani”, publicado no segundo semestre de 1989 por Fernando La Salvia e José Proenza Brochado. Trata-se de um autêntico manual, com uma história da pesquisa sobre o tema, perspectiva teórica e a proposta de um método. Este método tornou-se um dos mais usados e citados nos estudos sobre vasilhas na Arqueologia feita no Brasil, transcendendo a cerâmica Guarani, sendo usado para investigar outros casos do passado e do presente. Tem estimulado pesquisas desenvolvidas sob linhas teóricas diversas, revelando vitalidade em uma época onde ideias e métodos das Humanidades se desgastam rapidamente.

A concepção do manual surgiu do diálogo entre La Salvia e Brochado em meados da década de 1980, cujas ideias preliminares sobre a cadeia operatória e os tratamentos de superfície foram publicadas em 1985 (LA SALVIA; BROCHADO, 1985). Eles produziram o conteúdo enquanto trabalhavam em colaboração no Projeto Alto

* Recebido em 17.11.2020. Aprovado em 16.12.2020.

** Arqueólogo. Doutorando em Arqueologia, Bolsista FCT e Pesquisador no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIQ), Portugal. *E-mail:* francisconoelli@edu.ulisboa.pt

*** Arqueólogo. Professor do Curso de Graduação em Arqueologia e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí. *E-mail:* angelo@ufpi.edu.br

**** Arqueóloga. Pós-doutoranda (Bolsista FAPESP) do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente (LEVOC) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Brasil. Pesquisadora no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIQ), Portugal. *E-mail:* marisallum@usp.br

Uruguai, entre os municípios de Garruchos e Campos Novos, no âmbito da arqueologia de contrato como preparação para o licenciamento de hidrelétricas às margens do rio Uruguai/Pelotas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul (CARBONERA, 2008; NOELLI, 2008).

O diferencial do “Cerâmica Guarani” foi considerar as pessoas em ação, elaborando e usando a materialidade a partir de conhecimentos e práticas compartilhados. As pessoas, particularmente as mulheres que dominaram a produção da cerâmica Guarani, poderiam ser percebidas, por exemplo, atuando naquilo que posteriormente ficou conhecido como transmissão de conhecimentos entre gerações e comunidades de práticas, na percepção sobre continuidades e mudanças, na agência, nas apropriações, transformações e persistências. A concepção do manual procura dialogar com as perspectivas da história, antropologia e da linguística, mostrando vívido interesse em ampliar a compreensão dos contextos de produção e uso da cerâmica através de uma abordagem interdisciplinar.

Os autores não incluíram as perspectivas matemáticas e estatísticas da análise cerâmica, propositalmente, pensando no futuro onde haveria uma linha de pesquisa dedicada à morfologia. Contudo, eles chamaram à atenção para considerar como as ceramistas conceberiam a “forma” e as morfologias, examinando sistematicamente as seções de perfil das vasilhas.

O método foi estabelecido para compreender a forma das vasilhas e as funções a que elas se destinavam. Foi uma abordagem inédita na história da arqueologia brasileira, enfatizando a forma e o uso de informações históricas e linguísticas como elementos centrais para uma abordagem dedicada a compreender a função, antes da análise de microvestígios botânicos e ácidos graxos estarem acessíveis. Era o desenvolvimento de ideias e perspectivas sobre o uso das vasilhas que Brochado investigava desde 1974, surgidas inicialmente no livro “Alimentação na Floresta Tropical” (BROCHADO, 1977) e no artigo “What did the Tupinambá cook in their vessels?”, escrito em 1979, mas publicado posteriormente (BROCHADO, 1991). A ênfase sobre a forma começou a ganhar os primeiros contornos na tese de doutorado (BROCHADO, 1984), enquanto o método de reconstrução gráfica a partir de fragmentos de borda começou a ser desenvolvido em 1986, durante as análises de cerâmicas da área de Itapiranga, com a colaboração de Carmem Vera G. Vieira (BROCHADO; VIEIRA, 1987). Conforme Brochado (1988-1989, p. 774), foi neste projeto que ele delineou e testou “pela primeira vez” ideias e métodos usados posteriormente no “Cerâmica Guarani”.

O método para a reconstrução da forma de cada tipo de vasilha não foi definido no manual, que mostrou apenas a fundamentação para definir e compreender aspectos da morfologia, explicada através de uma descrição densa e inúmeros detalhes para definir “classes funcionais” conforme os registros linguísticos de Antonio Ruiz de Montoya. O manual e as publicações posteriores de Brochado e colegas mostram que a reconstrução gráfica de cada classe funcional terá menor margem de erro quando o fragmento de borda contiver maior secção do perfil; quanto mais referências de vasilhas inteiras forem conhecidas. Mas a orientação de como fazer a reconstrução foi desenvolvida por Brochado em outras publicações, onde demonstrou tipos de perfil correspondentes às morfologias de seis classes funcionais através de centenas de exemplos (BROCHADO; VIEIRA, 1987; BROCHADO, 1988-1989; síntese em BROCHADO; MONTICELLI, 1994). O método para estabelecer as dimensões da vasilha também foi apresentado em separado, com a demonstração de algumas análises de

regressão linear para estabelecer as regras de proporção entre diâmetro da boca e altura de algumas classes funcionais, sendo um ponto-chave da reconstrução da forma (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990).

O aspecto mais importante do manual é enfatizar que os “tipos” das formas de cada classe funcional possuem variações que são estruturalmente semelhantes, porém não iguais. Tal conclusão resultou da observação e mensuração sistemática de vasilhas inteiras, semi-inteiras e dos fragmentos mais completos em relação ao perfil (BROCHADO, 1984; LA SALVIA; BROCHADO, 1989; BROCHADO; MONTICELLI, 1994). A perspectiva aponta para uma direção consistente, como tivemos a oportunidade de testar as ideias quando analisamos uma amostra com 1826 vasilhas inteiras e semi-inteiras em 150 instituições do Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina, Inglaterra, Holanda e Áustria (CORRÊA, 2014; NOELLI; BROCHADO; CORRÊA, 2018). Corrêa (2014) fez uma demonstração iconográfica dos principais elementos que caracterizam as vasilhas de uma parte da amostra, aperfeiçoando o método para comparar formas. A partir daí concluímos (NOELLI; SALLUM, 2019, p. 713), que Brochado descobriu que “a padronização era a própria variabilidade, a tal ponto que a diferença era a norma que tornava as morfologias tão semelhantes por tanto tempo”, e que ele percebeu que a variabilidade da forma de cada classe funcional resultava de escolhas tecnológicas baseadas em “um vasto repertório de segmentos de perfil” transmitido a cada nova geração de ceramistas.

O manual também lançou outra perspectiva inédita ao incluir a linguagem no centro do método para definir as “classes funcionais”. No final da década de 1980, era comum ler na bibliografia da arqueologia brasileira menções contrárias a relacionar registros arqueológicos e linguísticos, fato que refletia mais sobre o desconhecimento da abordagem interdisciplinar que da falta de conexão entre ambos os registros. A decisão de desenvolver um método para demonstrar a função das vasilhas a partir da língua foi um dos grandes acertos do “Cerâmica Guarani”, inaugurando uma nova era onde a linguagem da materialidade e das práticas a ela associadas passou a ter cada vez mais importância, ampliando significativamente a capacidade de analisar e explicar o registro arqueológico.

Para finalizar, aqui temos a oportunidade para sugerir aos interessados na linguagem Guarani da cerâmica, que utilizem a versão mais ampla e atualizada publicada recentemente por Brochado e colegas (NOELLI; BROCHADO; CORRÊA, 2018). Trata-se da única parte do “Cerâmica Guarani” que foi bastante ampliada. A revisão não foi de conteúdo, mas apenas da grafia e da acentuação, para ficar conforme a última edição dos dicionários de Montoya (2002, 2011), mais acessível aos leitores do presente.

Os artigos deste dossiê foram escritos com abordagens distintas e variações do método proposto no Cerâmica Guarani e das perspectivas de Brochado, produzidos por quem já usou o método anteriormente.

O texto de abertura desta homenagem, “José Brochado, quem conhece não esquece”, é uma memória afetiva de Gislene Monticelli, colaboradora, coautora e amiga de Brochado há mais de 3 décadas. Através do seu depoimento vemos momentos da pessoa, das suas relações e ações com os estudantes e alguns de seus feitos em campo e laboratório, e um pouco dos bastidores da produção do livro “Cerâmica Guarani”. Gi, como todos a conhecem, acompanhou a produção do livro enquanto jovem estudante de graduação, colaborando na preparação de partes dele. Enquanto o livro era feito, ela já mostrava precocemente a competência que todos reconhecem nela ao longo da sua

trajetória como professora e arqueóloga, escrevendo paralelamente como coautora o artigo subsidiário sobre o método de reconstrução gráfica das vasilhas a partir de fragmentos de borda, publicado pouco depois do livro (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990).

O texto “Tapimãa’új japohát: ‘fazedoras de belas panelas’ e as primeiras explorações da linguagem da cerâmica Zo’é”, resulta de 15 anos de colaboração entre os Zo’é e a linguista Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. O objetivo final, em acordo com os Zo’é, é produzir um dicionário temático, como projeto de pesquisa financiado pelo CNPq. O artigo é inspirado no “Cerâmica Guarani” e noutras perspectivas de José Brochado, sobre o uso da linguagem na pesquisa arqueológica. É a primeira sistematização sobre as vasilhas cerâmicas e seus contextos de uso, apresentados como cenários de práticas cotidianas. Este trabalho resultou do diálogo e coautoria com Francisco Silva Noelli e Marianne Sallum.

O texto “Organização regional dos assentamentos Guarani: uma proposta interpretativa a partir da cerâmica arqueológica”, mostra avanços no método, subindo para um nível analítico estatisticamente mais rigoroso, como esperava Brochado. Suas autoras, Fernanda Schneider e Neli Teresinha Galarce Machado, oferecem mais um resultado de suas pesquisas no Vale do Taquari, bacia hidrográfica onde elas vêm trabalhando em uma equipe com prolífica produção de alto nível. Sua abordagem é um exemplo a ser seguido, na forma consistente como analisam e demonstram os dados, que podem ser utilizados por outras pesquisas da cerâmica Guarani.

O texto “Taxonomia funcional e análise de microvestígios botânicos em vasilhas arqueológicas Guarani na Argentina” é outra importante colaboração que abrihanta o dossiê e mostra o acerto do método do uso da linguagem como fonte válida sobre a funcionalidade das vasilhas, tal como propõe o livro “Cerâmica Guarani” e a perspectiva de Brochado. Os resultados da análise apresentada por Rodrigo Costa Angrizani, María de los Milagros Colobig e Mariano Bonomo, vão muito além das evidências encontradas por eles em relação aos usos das vasilhas a partir dos vestígios microbotânicos. A amostra regional de vasilhas arqueológicas examinadas corresponde às descrições nas fontes históricas e linguísticas, sobretudo dos dicionários de Antonio Ruiz de Montoya. Também mostram que as práticas Guarani sobre os usos das vasilhas não eram aleatórias, mas estruturas de conhecimentos compartilhados entre as aldeias e transmitidos entre as gerações.

O texto “Dos potes ao território: o desafio metodológico brochadiano em dois contextos Guarani”, mostra resultados sobre pesquisas em duas áreas diferentes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para identificar formas de assentamento. Rafael Guedes Milheira e Josiel dos Santos cruzaram três métodos para definir o tipo de assentamento arqueológico: 1) de reconstrução gráfica de vasilhas a partir de fragmento de bordas; 2) análise dos fragmentos e a interpretação de sua funcionalidade; 3) análise de contextos arqueológicos. A conclusão foi que as vasilhas provêm de dois tipos de assentamentos, de aldeias e de acampamentos para funções específicas. Assim, avançam propondo um método objetivo para instrumentalizar a definição do contexto, com base no registro arqueológico interpretado a partir de dados históricos e linguísticos sobre os Guarani.

No texto “Tupi-Guarani nas matas mineiras: estudo de cerâmicas Tupinambá”, Ângelo Corrêa analisa extensa quantidade de fragmentos de vasilhas de sítios da microrregião de Juiz de Fora, Minas Gerais. Empregando o método de Brochado, mos-

tra a tecnologia de produção e a reconstrução gráfica da forma a partir de fragmentos de borda e de outras partes. Desde uma perspectiva interdisciplinar, com informações históricas e linguísticas, apresenta dados inéditos para a classificaçãoêmica, permitindo uma nova direção para contrastar escolhas tecnológicas e o leque de opções de produção das ceramistas Tupinambá. Os resultados, comparados com a cerâmica Guarani, evidenciaram semelhanças estruturais na cadeia operatória, nas escolhas tecnológicas, na relação forma/função e nas linguagens dos dois conjuntos. Este trabalho reforça a necessidade da interdisciplinaridade entre arqueologia e linguística na investigação sobre populações ceramistas do tronco Tupi.

No texto “Para cozinhar...: as panelas da Cerâmica Paulista”, Francisco Silva Noelli e Marianne Sallum definem as panelas e sua linguagem dialogando com parâmetros arqueológicos, históricos, linguísticos e das comunidades do presente, considerando cinco séculos de história em diversos lugares do sudeste de São Paulo e nordeste do Paraná. A partir do método de Brochado, enfatizam a intrincada relação entre forma, linguagem e função, mostrando o processo de produção e articulação de conhecimentos compartilhados em “constelações de lugares” onde as mulheres exerciam um papel central nas comunidades de práticas cerâmicas.

Boa leitura!

Referências

- BROCHADO, José P. *Alimentação na Floresta Tropical*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977.
- BROCHADO, José P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Tese (Doutorado) – Urbana-Champaign: University of Illinois at Urbana - Champaign, 1984.
- BROCHADO, José P. What did the Tupinambá cook in their vessels? *Revista de Arqueologia*, v. 6, n. 1, p. 40-88, 1991.
- BROCHADO, José P.; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas*, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.
- BROCHADO, José P.; MONTICELLI, Gislene. 1994. Regras práticas na reconstrução gráfica da cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras. *Estudos Ibero-Americanos*, 20(2):107-118.
- BROCHADO, José P.; VIEIRA, Carmem V. G. A cerâmica da tradição Guarani. In: GOULART, Mariland. *Projeto Arqueológico Uruguai. Relatório de trabalhos na área da Represa de Itá*. Florianópolis: Eletrosul/UFSC, 1986.
- CORRÊA, Ângelo. A. *Pindorama de Mboia e Iakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. Tese (Doutorado) - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2014.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. Cerâmica guarani: análise e interpretação. In: SCHALLENBERGER, Erneldo (ed.). *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, p. 193-213, 1985.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Pozenato Arte & Cultura, 1989.
- MONTOYA, Antonio R. *Arte de la lengua guarani, ó mas bien tupi*. v. 1. Viena: Faesy

y Fric, 1876a.

MONTOYA, Antonio R. *Arte de la lengua guarani, ó mas bien tupi*. v. 2. Viena: Faesy y Fric, 1876b.

MONTOYA, Antonio R. *Vocabulario de la lengua Guaraní*. Asunción: CEPAG, 2002.

MONTOYA, Antonio R. *Tesoro de la lengua Guaraní*. Asunción: CEPAG, 2011.

NOELLI, Francisco S.; BROCHADO, José P.; CORRÊA, Ângelo A. A linguagem da cerâmica Guaraní: sobre a persistência das práticas e materialidade (parte 1). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 10, n. 2, p. 167-200, 2018.

NOELLI, Francisco S.; SALLUM, Marianne. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. *Mana, Estudos de Antropologia Social*, v. 25, n. 3, p. 701-745, 2019.